

As alunas e os contos: a narrativa curta brasileira num curso de escrita criativa nos Estados Unidos

*Heloisa Pait**

RESUMO: Este artigo relata uma experiência de ensino num curso de pós-graduação *lato sensu* em escrita criativa nos Estados Unidos, no qual se buscou apresentar os principais autores brasileiros do conto e da crônica. São examinados os principais desafios para o ensino de literatura brasileira em tradução para o inglês, tais como a falta de informação inicial sobre o Brasil e o contexto institucional. Também é relatado no artigo o crescente interesse dos alunos pela literatura brasileira e pelos gêneros apresentados. Conclui-se que a riqueza do conto e da crônica brasileiras de fato serviu de ponte para o diálogo intercultural almejado.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira, contos, crônicas, ensino, Estados Unidos.

ABSTRACT: This article narrates a teaching experience in a graduate program in creative writing in the United States which introduced the main Brazilian short story and chronicle authors. The main challenges involved in the teaching of Brazilian literature in translation are examined, such as the lack of basic information about Brazil and the institutional context. Students' increasing interest in Brazilian literature and in the genres presented is also examined. The article sustains that the richness of the Brazilian short narrative made possible the desired intercultural dialogue.

KEYWORDS: Brazilian literature, short stories, chronicles, teaching, United States.

Quando cheguei lá, estranhei o vazio do *campus*, até liguei para meu irmão. “Ninguém veio falar comigo, o que será?”, perguntei. “É normal, os professores ainda não voltaram do verão”, ele disse, sem se preocupar. Mas veio o outono, uma estação linda nos Estados Unidos, o céu azul,

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Araraquara).

o ar fresco. Só não veio aquele diálogo intelectual que eu esperava. É que eu conhecia a universidade americana por meio da muito particular New School for Social Research, universidade visitada por Habermas e Derrida, Rorty e Melucci, que já tinha tido no corpo docente Hannah Arendt e outros. O nosso cotidiano de estudantes de pós-graduação, discutindo sobre a política, a linguagem e a vida em Nova York, primordialmente entre os alunos europeus e latino-americanos e com os professores novaiorquinos, era de uma riqueza intelectual inesgotável. Eu costumava dizer: isso aqui é divertido como voltar ao Pequeno Príncipe na Rua Avaré.

Também conhecia as Faculdades de Artes Liberais. Minha cunhada estudou no intelectual Swarthmore College. Eu havia dado uma palestra no *hippie* Hampshire College, e lecionado no questionador Lang College. Então, vejo agora, conhecia uma fatia do ensino superior americano muito estreita, a das instituições progressistas e disputadas. Críticas e rigorosas. E pulei no que as pessoas se referem como “Real America” – não numa América Real qualquer, que poderia ser bem interessante, com seus valores sólidos, e sua *self-reliance*, mas num lugar muito particular que refletia os problemas das pequenas faculdades americanas, como a evasão e a busca permanente de alunos para cobrir custos relativamente fixos. Pois, para manter o impecável imenso jardim e os prédios centenários e amortizar a recente construção do ginásio, era mesmo preciso um bom dinheiro.

Tive, no primeiro semestre, além da solidão e de uma grande confusão quanto aos objetivos da instituição, alguns bons alunos num curso introdutório sobre o Brasil. Corrijo-me: tive algumas boas alunas. A instituição era uma das poucas faculdades americanas que ainda se dedicavam exclusivamente ao ensino de mulheres. Ao longo do século XIX, muitas delas foram criadas na costa leste, complementando as faculdades para homens, e no oeste as novas faculdades já eram criadas para os dois grupos, desta forma dando acesso ao ensino superior a um grande nú-

mero de mulheres. A maioria dessas instituições tornou-se mista ao longo do século XX, tais como Radcliffe College, que se juntou a Harvard College, mas outras continuavam admitindo apenas mulheres, como Smith College, uma das mais concorridas faculdade americanas. Na segunda metade do século XX, a justificativa para continuar mantendo o ensino separado era que as mulheres teriam melhores condições de ensino caso não tivessem de disputar a atenção dos professores com os homens em sala de aula. Era um argumento de peso decrescente, mas, de qualquer modo, eu estava dando aulas numa instituição que havia escolhido manter a tradição.

Mas o modo como a instituição conseguia financiar a tradição era abrindo uma série de cursos de pós-graduação *lato sensu* em áreas mais aplicadas, abertos aos homens. Ainda assim, talvez pela natureza dos cursos ou pela tradição, a maioria dos alunos eram mulheres. Como disse, no outono tive algumas alunas muito boas, que escolheram escrever sobre aspectos muito interessantes da cultura brasileira, como as tentativas de reforma do ensino médio ou sobre a participação de jovens artistas plásticos em comunidades na internet. O trabalho que mais me chamou a atenção foi sobre um assunto que eu mesma desconhecia: a existência de um cinema mudo brasileiro muito ligado com tendências europeias da época, mas pouco conhecido tanto no Brasil como nas pesquisas no exterior. Mas as alunas capazes de produzir trabalhos autônomos eram poucas; grande parte tinha dificuldades com a leitura e a escrita e, diferentemente de nossos alunos, uma certa apatia na sala de aula e desinteresse sobre o mundo.

Não eram as únicas; entre os professores detectei também uma falta de curiosidade sobre o Brasil, obviamente com exceções. Afinal, eu estaria ali para isso, para trazer um pouco do Brasil para o *campus*. A instituição tinha um programa já antigo, no qual a cada ano um país determinado era escolhido; um professor visitante era chamado e, além disso, havia palestras e eventos sobre o país e a região. Aquele era o ano do Brasil. Eu, particularmente, acho o

Brasil bem interessante, e acho que nisso tenho vasta companhia além das fronteiras nacionais. Então, não entendia bem a falta de interesse sobre o meu país. Eu assuntava: por que escolheram o Brasil? Como esse programa de estudos internacionais se coaduna com os objetivos educacionais dirigidos a esse corpo discente? Não tinham respostas, e como já virou clichê falar de experiência kafkiana, vou evitá-lo, mas a verdade é que eu estava bem perdida.

A cidade onde a faculdade se localizava era parte do que os americanos chamam de Rust Belt, o Cinturão da Ferrugem, região americana do meio-oeste que sofreu com o colapso da indústria pesada ocorrido na segunda metade do século XX. A desindustrialização trouxe para a região problemas sociais enormes. Em Detroit, por exemplo, esse processo econômico, aliado a tensões raciais e erros crassos de planejamento urbano, ainda se reflete no cotidiano difícil de populações inteiras. Mas há também o problema simbólico: como construir uma identidade urbana a partir de uma não identidade? “A cidade que não é do automóvel”, ou “a cidade que não é do aço” são títulos difíceis de se portar. Todos temos um pouco disso, os paulistanos com sua cidade que não é da garoa ou os cariocas com sua cidade que não é capital. Mas redefinir a identidade de uma cidade é importante; em certa medida eu vivi essa indefinição como deslocamento, eu não sabia exatamente onde estava. E só conseguia me localizar novamente quando viajava pelo país e encontrava pontos de referência antigos ou explorava novos.

Foi nessa situação de deslocamento urbano e isolamento intelectual que o semestre da primavera começou; eu daria aulas apenas para alunos do programa de escrita criativa, em nível de pós-graduação. Algumas alunas iriam, ao fim do semestre, no verão do hemisfério norte, passar duas semanas no Brasil, numa viagem patrocinada pela escola e organizada por uma instituição brasileira reconhecida, especializada nesse turismo acadêmico. Os programas de intercâmbio são marca registrada das universidades americanas. Alguns são bem rigorosos, têm a duração de um

semestre e são precedidos por estudos de línguas e cursos preparatórios e envolvem cursos regulares ou estágios em países estrangeiros. Outros são apenas passeios pelo Caribe. Esse me pareceu ser um turismo cultural inteligente para alunos com interesse em expandir seus horizontes mas sem o tempo de preparo anterior na língua e história do país.

Sobre os cursos de escrita criativa, são também comuns nos Estados Unidos, tanto na graduação como na pós. São cursos para quem quer escrever ficção ou não-ficção, que incluem literatura mas que têm um sentido mais prático que analítico. Os alunos podem aí se especializar em literatura infantil, literatura de viagens, e assim por diante. Pela turma que peguei, não pude descobrir exatamente o objetivo profissional do curso; a maior parte dos alunos estava em momentos de transição e buscou o mestrado como forma de se rearticular.

Propus um curso sobre contos e crônicas; escrevo contos eu mesma, e sou fascinada pela narrativa curta que fica em nossas mentes muito depois de terminada a história. Além disso, a narrativa curta brasileira tem um lugar muito especial para nós leitores brasileiros, que temos acesso a elas nos jornais e revistas. Ela se alimenta e faz parte de nosso cotidiano. Ao longo de minha estada nos Estados Unidos, eu quis obviamente mostrar um Brasil verdadeiro, com contribuições à cultura mundial, que fosse além dos estereótipos tropicais. Então, nada melhor, pensei, do que uma área da cultura na qual nós temos uma certa “vantagem comparativa”, como é o caso da narrativa curta brasileira. Tive de negociar o conteúdo do curso a cada aula, pois dividia o curso com outra professora, que queria dar uma visão mais abrangente da cultura brasileira, incluindo o cinema, a política, a história e a literatura. Eu queria falar dos contos. Queria mostrar por meio deles alguma coisa do que somos.

Não que houvesse estereótipos nas salas de aula. A dificuldade na graduação foi, na verdade, sua ausência. Todos nós conhecemos os estereótipos antigos, Zé Carioca e Carmen Miranda. Depois há os novos, Brasil do desma-

tamento e dos meninos de rua. Reais todos, talvez, mas parciais, incompletos, mal-entendidos. Entre as esquerdas, há também a construção mítica do presidente socialista que se contrapôs à ordem neoliberal. Mas lá naquela faculdade eu vi a ausência de informações sobre o Brasil. O que impressionava era que o Brasil fosse tão grande, diziam, maior que a Venezuela. Tudo o que eu falasse era novidade, pois o Brasil praticamente não existia no imaginário de muitos alunos, que língua mesmo falavam ali? No curso de pós, entretanto, havia informações dispersas prévias. Havia o Paulo Coelho, havia a Clarice Lispector. Havia a presença de uma comunidade negra importante. Enfim, havia referências poucas mas queridas que fizeram aqueles alunos se inscreverem em meu curso. Na primeira aula, notei que quase nenhum aluno tinha interesse específico sobre o conto ou a crônica. Nosso elo, então, era o interesse difuso naquele país latino-americano desconhecido e uma vaga curiosidade sobre o conto e a crônica.

Montei o curso de modo muito tradicional, apresentando cronologicamente os principais autores da narrativa curta brasileira, que estão, em sua maioria, traduzidos. Um bom apanhado dos contos está numa antologia da Oxford University Press (Jackson, 2006). Estão ali Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Moacyr Scliar, Milton Hatoum e tantos outros. Senti falta de Márcia Denser apenas, que encontrei em outras traduções (Sadlier, 1992). Já nas crônicas é diferente; não há antologias de crônicas que reúnam vários autores. As crônicas de "Life as it is", de Nelson Rodrigues (2008), recentemente publicadas, são espetaculares nos dois sentidos; diferem muito, por exemplo, das crônicas de Ignácio de Loyola Brandão que lemos às quintas no Estadão. Há também crônicas de Clarice Lispector em "Foreign legion" (Lispector, 1992), que reúne contos de "A legião estrangeira" e crônicas de "Para não esquecer". As crônicas são maravilhosas, mas, assim como no caso anterior, não são representativas do gênero. Então, para falar das crônicas havia um obstáculo muito concreto.

A respeito dos contos, a dificuldade era de natureza distinta. Os principais autores estavam presentes na antologia da Oxford e também em inúmeras outras traduções. Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Moacyr Scliar estão bem traduzidos, nos romances e também nos contos. Mas, por razões práticas, eu dava preferência aos contos da antologia; a biblioteca tinha poucos recursos e era preciso fazer escolhas. E os contos ali tinham, em geral, um tom sério e pesado que não trazia a leveza da prosa brasileira. Parecia que os textos mais densos, mais “profundos”, se qualificavam melhor para a tradução que o cômico e o banal. Então, de Mário de Andrade, lemos o triste “Piá não sofre? Sofre”, por exemplo. E nós brasileiros não fazemos desse banal a nossa melhor poesia? A uma certa altura, uma aluna perguntou se era tudo assim pesado na literatura brasileira. Tínhamos acabado de ver o filme “Vidas secas”, por sugestão da outra professora. Eu disse que não, de jeito nenhum, mas isso me motivou a continuar tentando. Tentando o quê?

Tentando, acredito, forjar alguma comunicação real que havia me escapado nos meses anteriores. Lembro que numa das primeiras semanas na cidade fiz uma feijoada para algumas pessoas, que vieram polidamente, comeram, conversaram sobre a faculdade e foram embora sem me deixar com a sensação de plenitude que tenho depois de cozinhar para amigos e conhecidos no Brasil ou no exterior. Já adianto ao leitor, pois não sou muito de suspenses, que a última feijoada, que fiz por ocasião de meu aniversário, ao final de minha estada, foi bem diferente. Avisei que o horário era o brasileiro, ou seja, pedia que chegassem a partir da 1 da tarde, e não pontualmente nesse horário. E para cada um eu pedi que trouxesse uma coisa: o arroz, os pratos, cadeiras extras, etc. Fiz a couve e a feijoada, em três panelas distintas: uma para os vegetarianos, uma sem carne suína, pois um dos meus melhores amigos na faculdade era muçulmano, e outra com Joelho de Porco e Costelas. Uma colega me disse, depois das caipirinhas, em volta dos convidados aboletados no apartamento pequeno,

que nunca havia se sentido tão à vontade. Notei ali o tanto de esforço que há em nossa descontração.

Ficou espremido, eu deveria ter dado destaque, o maravilhoso “Memórias de um sargento de milícias” (Almeida, 2000). Não são contos nem crônicas, é na verdade um romance escrito em capítulos publicados em série, mas quem é que vai dizer que não são boas crônicas imaginadas? E havia tradução. Era no começo do semestre, e eu ainda me adaptava ao curso a quatro mãos. Mas acho que o texto de Manuel Antônio de Almeida fez tanto sentido aos alunos como a primeira feijoada que ofereci aos colegas. Pareceu à classe que o autor ria de algo que não deveria ser piada, as tantas violências domésticas que pipocam no tempo do Rei. A outra professora notou a ausência dos negros e pobres na narrativa. Eu fiquei lavando os pratos de uma feijoada sem festa. Machado os surpreendeu, pela literatura e também pela modernidade de um Brasil antigo, com leis, advogados, mulheres reflexivas.

Discutimos um pouco a natureza do conto, sobre seus recursos, desafios e desfechos, a partir de Bosi (1994) e Piglia (2000). Mas, nessas alturas, pensar o conto era uma viagem minha, que acredito pouco interessava aos alunos, ainda se familiarizando com a narrativa, ou com a professora, interessada nas relações entre a realidade social e o caráter político da arte brasileira. Pedi aos alunos que escrevessem um conto; deveria conter um encontro entre um brasileiro e um morador local, num dia importante para a cidade. O encontro deveria ter algo de erótico e de conflituoso, e poderia estar no fim ou no início da narrativa. Queria que eles se sentissem confortáveis no gênero, e também que por meio do conto começassem a pensar sobre as diferenças entre as culturas americana e brasileira. O resultado foi maravilhoso: imigrantes brasileiros discriminados que falavam palavrão, americanos que de repente se lembravam das comidas e cheiros brasileiros, encontros, choques. Claro, eu também queria ver no papel as minhas próprias emoções. Buscava um elo. E encontrei um primeiro elo.

Clarice foi fácil. Todos adoraram. As traduções eram boas, cobriam muita coisa. Isso queria dizer que eu podia escolher meus contos favoritos, e apresentá-los com paixão (Lispector, 1984). Assim como com Machado, a surpresa de uma escrita sofisticada, que falava à alma. Duas alunas em particular usaram o texto de Clarice para uma jornada de descoberta que encantou a todos, explorando o olhar perscrutador de Clarice e o modo sutil como ela define os ambientes externos e a vida interior dos personagens. O perigo de Clarice é cairmos numa deferência exagerada à poesia e virtuosidade da autora. Então, depois, ao final de uma das aulas sobre a autora, pedi que formassem pequenos grupos, escolhessem um pequeno trecho de um dos contos discutidos e elaborassem uma pequena cena. Eles toparam. E rimos com a cena final de “Amor”, com o marido atordoado sem compreender a fuga da esposa etérea, interpretada por uma aluna em quem eu via algo da própria autora. Rimos com outras cenas também, quebrando a solenidade do texto, apropriando-nos da humanidade daqueles personagens intensos da autora.

Achei Guimarães Rosa difícil de apresentar. Algo se perde na tradução do autor, não só pelo uso particular que faz da linguagem, mas também pela musicalidade do texto (Pessôa, 2006). Recortei alguns trechos de “Grande sertão: veredas” (Rosa, 1963) que tinham jeito de conto, e contei para eles “A hora e a vez de Augusto Matraga”, que não achei traduzido. Sim, contei. Pois o conto não traz, junto a sua modernidade, um diálogo com a tradição oral? Então por que não simplesmente contar as histórias de que eu gostava mais? Por que me prender a traduções selecionadas? Quando havia coisas que eu queria dar, mas não havia tradução, eu contava. A biblioteca da universidade estadual local, por exemplo, tinha uma coletânea de contos regionais maravilhosa, organizada por Graciliano Ramos (1966). Uma delícia. Então, passei tardes lendo as histórias e escolhi algumas para recontar. Fiquei animada. Tensa também, era um desafio. Eu conseguiria trazer o

texto para a sala de aula? Recontar em inglês uma história querida? Com alguns, consegui; com outros, não.

Mas tudo é questão de treino. Para as crônicas, além das de Clarice e de Nelson Rodrigues, também escolhi algumas da coletânea “Cem melhores crônicas brasileiras do século” (Santos, 2005). E recontei. Muitas tristes, algumas cômicas, fiz rir, emocionei. Aquele elo que eu buscava, aquele diálogo em qualquer forma que fosse, eu o via sendo construído, talvez por mim. Talvez por uma turma aberta e interessada. Mas a partir do conto e da crônica brasileira. E isso me tocava profundamente; é impossível descrever o valor que passamos a dar à comunicação humana, expressa por meio de atos cotidianos às vezes até singelos, quando dela somos privados. Naquela classe – fazendo rir e chorar com histórias –, eu voltava à minha humanidade normal de quem fala e escuta. No fim do curso agradei aos alunos, claro, mas agradeço agora a Clarice e Rosa; a Scliar e Machado; a Denser e Ângelo. Agradeço aos tradutores e editores também, sem dúvida conscientes de serem pontes precárias nesse importante diálogo entre as gentes. Estavam todos eles ali presentes nas aulas, todos eles lá. Sem eles, éramos estranhos, com eles nos conhecemos; sem eles, éramos sem graça; com eles, viramos personagens fascinantes de um teatro próprio. Sem eles, eu, ao menos, não era gente, quanto mais professora. Com eles, virei professora de novo, falando para uma audiência interessada de um lugar que eu já havia visitado. Então, agradeço.

O risco que eu havia corrido era de ter virado naquela sala de aula uma simples nativa que conhecia os hábitos vigentes, o que havia acontecido em outros ambientes da faculdade anteriormente. Era um pouco ofensivo, mas acima de tudo frustrante; numa reunião de preparação para a viagem ao Brasil, por exemplo, me chamaram para conversar com os alunos, alguns dos quais estavam matriculados em meu curso. Falei sobre a história política recente, sugeri a leitura de alguns livros para quem quisesse se aprofundar e, como sempre quando falo do Brasil, me entusiasmei. Mas as perguntas foram sobre aspectos corriqueiros da

cultura nacional: “No Brasil, as pessoas jantam tarde?” Respondi que jantávamos no horário normal; “aqui é que jantam um pouco cedo,” eu disse... Quanto ao meu curso, os alunos se matricularam num curso de uma brasileira; entenderam que ali havia um diferencial. Mas, quando a outra professora se juntou ao curso – bem, uma dinâmica em que eu fosse a nativa e ela a antropóloga podia ter se instaurado. E desse lugar de nativa, inconscientemente familiar a minha própria cultura, eu não teria podido falar dessa literatura de que eu gosto e que é minha.

Algo que me encanta na literatura brasileira é o texto macio, o texto sem asperezas. Mesmo Márcia Denser, irônica, crítica de tudo, tem aquele amor ao detalhe, a uma certa delicadeza textual. A palavra que eu usava em aula é essa: nossa cultura é *soft*, lembrem disso. Pode ser violenta, pode ser mordaz, mas tem uma maciez que você não encontra na literatura americana. Uma literatura que anda de chinelo, e não de salto alto, fazendo barulho, pretensiosa. Mesmo o texto filosófico de Clarice reforça o lado banal das grandes questões humanas. Mas isso pode se perder na tradução. É algo intangível, e daí talvez as escolhas, pelos editores, pelos textos que não se calquem apenas nessa leveza, que tragam o drama pesado ou político. Então eu sentia que era eu que devia tentar explicar isso, da melhor forma possível. Quando dei as aulas sobre as crônicas, um pouco disso ficou evidente. Os alunos se encantaram com uma literatura sobre e também disponível no cotidiano dos leitores de jornais. Com a capacidade de olhar o cotidiano de um jeito rico – ou com a riqueza de nosso cotidiano, não sei mais. Mas eu também trouxe, numa aula, uma seleção de chorinhos que, eu esperava, trouxessem a musicalidade de nossa língua e de nosso texto que a tradução nunca poderia trazer.

Quando, na metade do semestre, os alunos apresentaram os projetos de seus trabalhos, me vi num dilema. Sou naturalmente uma professora crítica, e nesse caso em particular eu via muitos problemas nos trabalhos, que me pareciam mais leituras neutras comentadas que exercícios

de interpretação que trouxessem novos aspectos dos textos e autores lidos. Mas será que eu tinha autoridade para criticar os trabalhos, nessa classe dada em colaboração? E será que os alunos me escutariam, ou me viam apenas, como disse anteriormente, como a nativa de plantão? Esse receio, paradoxalmente, foi muito produtivo. Pois meu espírito crítico teve de ser controlado, e isso não é mau... Comecei a aula perguntando se eles gostariam de ter minhas críticas. Eles assentiram. E lasquei uma boa aula sobre a noção de interpretação de Peirce. Sobre a produção de sentido no jogo simbólico. Não falei dos trabalhos, dos projetos. Falei, indiretamente, que queria saber mais sobre as leituras dos alunos sobre os textos, sobre interpretações corajosas, sobre o que os contos e crônicas realmente haviam falado para eles, pois cada texto diz uma coisa para cada leitor. Quem era aquela Clarice ali, que estava sendo produzida naquela sala de aula daquela faculdade daquela cidade do Cinturão Enferrujado americano? Que esquecessem a Clarice que eles achavam que os professores achariam a correta. Na aula seguinte, quando comentamos os projetos propriamente ditos, os alunos mesmos – eu tinha na verdade um aluno e o restante da pequena classe formado por alunas – trouxeram tudo o que tinham pensado em escrever mas não consideraram acadêmico o suficiente.

Uma coisa que me surpreendeu na classe foi a curiosidade sobre a filosofia da linguagem e as teorias sociais. Haviam me dito, antes do curso, que os alunos de pós tinham dificuldades de leitura e escrita comparáveis às dos de graduação. Sou sempre otimista quanto aos alunos, mas minha experiência no semestre anterior tinha me revelado uma falta de familiaridade com a investigação intelectual que eu não associava com o ambiente universitário. Então me surpreendi. Ali estava uma turma que queria usar os textos de Clarice para compreender o existencialismo, e de Machado para entender a relação entre a racionalidade e as crenças populares no Brasil do século XIX. Alguns tinham já familiaridade com estudos culturais e feminismo, mas para outros alunos aquele curso abriu as

portas para Merleau-Ponty, Simmel e outros pensadores bastante sofisticados. A ponte, novamente, foram aqueles nossos autores brasileiros, cotidianos e complexos, banais e sofisticados: falar da existência humana a partir de um ovo que se quebra dentro da rede.

Resolvi dar uma aula sobre a literatura judaica no Brasil (Waldman, 2003), mas fazendo pontes com as literaturas de outros países também, mostrando o caráter diaspórico da literatura brasileira, na qual também víamos escritores de origem árabe, japonesa e, obviamente, africana. Discutimos como no Brasil e nos Estados Unidos as identidades nacional e étnica aparecem na literatura de modos distintos, mas não opostos, pois nos dois países as identidades se enriquecem, mesmo quando em tensão. Foi uma aula já ao final do curso, e isso foi bom: saímos então do lugar chamado Brasil para situarmos o Brasil no mundo, recebendo influências mil, e com pontes indo também a lugares mil. Os alunos ficaram encantados com aquelas influências literárias antigas que entraram no Brasil mas também na literatura europeia e americana; era tudo novidade.

Também ao final do curso, examinamos a literatura escrita por mulheres negras, e aí o processo foi inverso. Havia apenas uma coletânea disponível (Alvares e Lima, 2004), mas o tema geral da situação da mulher negra nas Américas era de conhecimento de todos. Então, mesmo com pouco material, a discussão foi rica e acalorada. A faculdade havia convidado, no semestre anterior, como parte dos eventos do Ano do Brasil, a poeta amazonense Astrid Cabral, cuja palestra algumas alunas haviam visto. E isso serviu de ponte para falar de Milton Hatoum e de sua Manaus misturada, indígena, árabe, brasileira. Enfim, ao final do curso não havia mais tempo para se aprofundar nos autores, mas sim para introduzi-los e esperar que aquele se constituísse num primeiro contato com essa nossa literatura. Funcionou? No todo, penso que sim. Ao final do curso, os alunos apresentaram os trabalhos para a classe, trabalhos que de um modo ou outro já conhecíamos a partir de lei-

turas e discussões anteriores. Todo o material apresentado era colocado no ambiente educacional virtual Moodle, o que permitia essa troca de modo fácil e intuitivo.

Não consigo terminar este artigo antes de falar brevemente dos trabalhos. Um aluno fez uma análise filosófica de “O ovo e a galinha”, de Lispector. Duas alunas escreveram também sobre a autora. Uma escreveu sobre uma experiência de infância que se assemelhava ao olhar de estranhamento de Ana, no conto “Amor”, que a leitura de Clarice evocou. A outra, a partir de conversas com leitores de seu círculo de amizades, procurou investigar que tipo de reflexão os textos de Clarice evocavam. Um trabalho que debatemos muito em aula foi escrito por uma aluna caribenha, que procurou refletir sobre sua própria cultura repleta de misticismos a partir do conto de Machado “A cartomante”. Uma excelente aluna de graduação que se matriculou no curso escreveu sobre os dilemas de gênero que apareciam em Machado e também em Nelson Rodrigues. Foram aulas de troca intensa, pois a essa altura todos se sentiam um pouco autores uns dos trabalhos dos outros.

O que ficou dessa experiência? Que ensinar literatura brasileira no exterior é um trabalho coletivo. Eu tinha a sensação de uma profunda solidão, é certo. Mas estavam lá comigo não apenas os autores que fizeram a nossa literatura, como também seus editores e tradutores na língua inglesa. Tinham certamente um olhar distinto do meu; viam valor em textos que não me chamavam a atenção, e às vezes deixavam de lado algumas gemas. Mas estavam lá na sala de aula, me ajudando a construir essa ponte que é um dos motores da literatura, o compartilhar de experiências. Também aprendi que o contexto no qual esse ensino se dá é importantíssimo. Sem alguma referência inicial, mesmo que inconsistente, é difícil tocar adiante o projeto educacional. Na classe em que havia ideias iniciais sobre o Brasil, como foi o caso desse curso de literatura, é possível ir adiante, elaborar, avançar. Em outras, é possível o aprendizado individual, mas talvez não o coletivo. Além disso, há

também as ideias iniciais da instituição e dos colegas sobre o Brasil; o que esperavam de mim? Como imaginavam um professor brasileiro? Lembro-me que, em uma conversa sobre a crise econômica, uma colega fez um aposto para explicar quem era Keynes. Fiquei me perguntando qual era o Brasil que ela imaginava, onde professores universitários da área de ciências humanas não conheciam Keynes. Ou qual era o mundo. Essas expectativas todas entram na sala de aula, e acredito que bater de frente com elas não seja a melhor alternativa, mas sim ir sutilmente as aceitando e subvertendo.

Pois por que não às vezes ser um pouco a brasileira palhaça, estereotipada? Num belo dia resolvi traduzir o poema “E agora, José?”, de Drummond. Fiz um primeiro esboço, mostrei a um poeta novaiorquino com quem tenho um ótimo diálogo literário e pessoal, dei umas mexidas e pronto. Coloquei o poema em nosso *site* na internet, mas numa aula também coloquei o próprio Drummond declamando o poema, obviamente em português. Depois li o poema em inglês, para que eles compreendessem o significado. E aí começou a brincadeira: li o poema em português, para que eles se familiarizassem com a língua. Alguns alunos faziam um curso bem introdutório, de conversação, com uma brasileira que morava na cidade e, além de dar aulas de línguas, também cantava na ópera e lecionava voz. Mas a maioria não conhecia nada da língua. Depois, li o poema imitando o sotaque baiano, claro que explicando que era apenas uma imitação de paulista, nada mais. Os alunos riram. Uma até confessou que agora se dava conta que seu professor de capoeira falava mesmo daquele jeito, não estava tirando sarro dela nas aulas com aquela entonação vagarosa, musicada. E até tentei uma imitação de carioca, que não funcionou tão bem.

A professora com quem dividi o curso queria apresentar um panorama geral sobre a cultura brasileira, e eu queria examinar o conto, a produção literária brasileira, pois acredito que a partir de nossas realizações é que podemos nos reconhecer como iguais, fugir do exame desigual

de um povo sobre o outro. Mas de certo modo eu também apresentei esse panorama geral, trazendo a música, o sotaque, os meus próprios contos, as minhas histórias pessoais e a minha vivência. De certo modo, eu fui um pouco a nativa... Uma nativa de óculos, digamos.

Consegui dar um curso sobre o conto como forma literária? Isso fica em aberto. Muitos alunos disseram se surpreender com a forma sintética e evocativa que nós dominamos tão bem. Mas não sei se afirmo que realmente investigamos a forma. Acho que ela serviu de elo entre nós, de um modo que outra forma talvez não o fizesse. O romance sempre seria comparado ao que os alunos já conheciam da literatura inglesa e americana. O conto disse para eles que há outras formas de pensar, de sentir, de viver. O conto brasileiro talvez tenha sido porta de entrada para uma sensibilidade distinta – e para uma sociabilidade distinta também. Vieram em maio ao Brasil. O que viram? Com quem conversaram? Como se sentiram? Não sei. Sei que, para os alunos que fizeram esse curso, as vozes de nossos escritores estavam com eles, onde quer que tenham ido.

Referências

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memoirs of a militia sergeant*. Oxford University, 2000.

ALVARES, Miriam; LIMA, Maria Helena. *Women righting: afro-Brazilian women's short fiction*. Mango Publishing, 2004.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1994.

JACKSON, K. David. *Oxford anthology of the Brazilian short story*. Oxford: Oxford University, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *Family ties*. Austin: University of Texas, 1984.

_____. *Foreign legion: stories and chronicles*. New Directions Publishing Corporation, 1992.

PESSÔA, André Vinicius. *Uma poética da musicalidade na obra de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado)

– Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Barcelona: Anagrama, 2000.

RAMOS, Graciliano. *Seleção de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

RODRIGUES, Nelson. *Life as it is*. Host Publications, 2008.

ROSA, João Guimarães. *The devil to pay in the Backlands*. Knopf, 1963.

SADLER, Darlene J. *One hundred years after tomorrow: Brazilian women's fiction in the 20th century*. Indiana University, 1992.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.